



O ESTUDO DO COMPORTAMENTO HUMANO: EM FOCO A PESQUISA QUALITATIVA

Tatiane Silva Tavares MAIA

Faculdades Integradas de Paranaíba – FIPAR - Mato Grosso do Sul

tstavares@gmail.com

Resumo

Este artigo tem por objetivo analisar as principais características, vantagens e limitações da pesquisa qualitativa no estudo do comportamento humano. A motivação para a realização do trabalho se baseia na ênfase dada à pesquisa quantitativa em detrimento da qualitativa nas ciências sociais, situação justificada pela capacidade de generalização da pesquisa quantitativa. Acredita-se que a pesquisa qualitativa tem seu mérito e que generalizar o comportamento humano nem sempre é desejável, principalmente quando se considera a subjetividade humana. Mesmo diante de vantagens e limitações os dois tipos de métodos revelam se importantes na geração e difusão do conhecimento, sendo cada método mais conveniente de acordo com o contexto a ser estudado e julgamento de valor do pesquisador.

Palavras-chave: pesquisa qualitativa, comportamento humano, subjetividade.

Abstract

This paper intends to analyze the main characteristics, advantages e limitations of qualitative research method in order to study the human behavior. The motivation to accomplish this research was based on the idea that quantitative research is more important, valid and reliable than qualitative. We believe that qualitative research can be a efficient method to study the human behavior and sometimes the generalization of this behavior is not possible and does not bring any additional advantage to the research, because of the subjectivity involved in the process. We conclude that both quantitative and qualitative method present advantages and limitations but both are important to generate and to spread knowledge.

Key-words: qualitative research, human behavior, subjective

1 Introdução

As pesquisas sociais, assim como pesquisas de outras ciências, buscam legitimação e reconhecimento através da publicação de dissertações, teses, artigos, ensaios, entre outros periódicos científicos. A citação de sua obra é para o pesquisador sinal de que sua pesquisa está sendo aceita pelos pesquisadores da área, e, portanto é válida.

De qualquer forma, a aceitação para publicação em periódicos científicos depende da qualidade da pesquisa, uma vez que essa deve gerar e difundir conhecimento de alto nível. Neste aspecto, não só a definição precisa do modelo teórico é importante, mas também a metodologia e os métodos que serão utilizados na coleta e análise dos dados. Muitos pesquisadores utilizam o termo 'consistência metodológica' para caracterizar artigos que são metodologicamente corretos, válidos e confiáveis.

Os dois tipos de métodos utilizados pelas ciências sociais são a pesquisa quantitativa e a pesquisa qualitativa. A pesquisa quantitativa se preocupa principalmente com o grau em que o fenômeno possui certas propriedades, estados e características, além das similaridades, diferenças e relação de causalidade entre eles. A pesquisa quantitativa se baseia em considerações teóricas e/ou empíricas e no fenômeno quantificado. Uma das vantagens é a possibilidade de mensuração, por exemplo, das reações de um grande número de pessoas à um limitado número de questões, facilitando assim a comparação e a agregação estatística dos dados. A pesquisa quantitativa gera um grupo de resultados amplos e generalizáveis (LABUSCHAGNE, 2003; LIMA, 1999).

A pesquisa qualitativa, pelo contrário, se preocupa com as propriedades, estados e as características (natureza) do fenômeno. A palavra qualitativa implica numa ênfase no processo e no significado que são rigorosamente analisados, porém não mensurados em termos de quantidade e frequência. Geralmente, este tipo de pesquisa produz dados detalhados e importantes sobre um pequeno número de pessoas e casos. Dados qualitativos fornecem uma visão profunda e detalhada das situações, eventos, interações e comportamentos observados (KAPLAN, 1969; BECKER, 1987; SILVERMAN, 1993).

Apesar dos dois tipos de métodos apresentarem vantagens e limitações, ambos são importantes na geração e difusão do conhecimento. Cada método será mais conveniente de acordo com o contexto a ser estudado e julgamento de valor do pesquisador, uma vez que as especificidades devem ser levadas em consideração. A grande questão então está na escolha do método a ser utilizado a fim de se gerar conhecimento de alto nível e que também seja aceito pela academia.

A crítica e principal motivação para realização deste ensaio se baseia na ênfase e supervalorização dada à pesquisa quantitativa em detrimento da qualitativa nas ciências sociais, pelas universidades, institutos de pesquisa e periódicos científicos da área. A grande justificativa para esta tendência de supervalorização da pesquisa quantitativa diz respeito a sua capacidade de generalização.

Diante desta perspectiva, o objetivo do ensaio é analisar as principais características, vantagens e limitações da pesquisa qualitativa no estudo do comportamento humano. Acredita-se que esse tipo de pesquisa tem seu mérito e que generalizar o comportamento humano nem sempre é desejável uma vez que cada ser humano possui determinado comportamento em diferentes situações e, dependendo também da variável tempo, o indivíduo pode apresentar diferentes comportamentos diante da mesma situação devido sua capacidade de adaptação e aprendizagem. O importante não é o

estudo do que é comum, mas sim do que é diferente e único a cada indivíduo (BERGER e LUCKMANN, 2001; LABUSCHAGNE, 2003).

2 Pesquisa Qualitativa nas Ciências Sociais

2.1 O que é pesquisa qualitativa?

A pesquisa qualitativa pode ser caracterizada como a tentativa de compreensão detalhada dos significados e características situacionais apresentadas pelos entrevistados, em lugar da produção de medidas quantitativas de características ou comportamentos.

O objeto de estudo da investigação qualitativa consiste no modo como as pessoas entendem e experimentam “seus mundos”, que pela heterogeneidade e a subjetividade humana, formam múltiplas realidades a serem interpretadas (BOGDAN e BIKKLEN, 1994). A pesquisa qualitativa, para esses autores, possui cinco características.

A primeira é que a fonte direta dos dados é o ambiente natural, constituindo o investigador o instrumento principal. Segunda, a investigação é descritiva em forma de palavras ou imagens e não de números. Terceira, há maior interesse pelo processo do que simplesmente pelos resultados ou produto. Quarta, a tendência é de analisar de forma indutiva, e não na busca de confirmação ou negação das hipóteses. Os dados são peças individuais de informação recolhidas e inter-relacionais (teoria fundamentada). Finalmente, o significado é de importância vital, pois o pesquisador está interessado no modo como diferentes pessoas dão sentido às suas vidas.

A coleta de dados pode se dar por meio de entrevistas, observação participante e direta, história de vida, entre outros. Os dados das entrevistas se referem às cotações dos entrevistados sobre suas experiências, opiniões, sentimentos e conhecimentos. Os dados das observações se referem a descrições detalhadas sobre o comportamento dos participantes, ações, e resultado das interações entre indivíduos. A história de vida se dá por meio de análise de documentos escritos ou gravados tais como; agendas e diários, cartas, relatórios oficiais, entre outros.

2.2 Orientação teórica da pesquisa qualitativa

A perspectiva fenomenológica é a mais utilizada nas investigações qualitativas. Por meio dessa abordagem os fenômenos observados são muito relativos em função do contexto, ou seja, tudo depende do ponto de vista, da perspectiva do investigador. “Ponto de vista” não significa falta de orientação teórica, mas apenas o modo como os investigadores abordam o seu trabalho, ou seja, um construto de investigação (ROESCH, 1999; VERGARA, 2005).

Pela fenomenologia, tenta-se compreender o significado que os acontecimentos e interações têm para as pessoas, em situações particulares. É a “compreensão interpretativa das interações humanas”, pela tradição weberiana. A investigação começa

com o silêncio do investigador com vistas a captar aquilo que se estuda, enfatizando o componente subjetivo do comportamento das pessoas. Portanto, daí se infere que a realidade não é mais do que o significado das nossas experiências. Conseqüentemente, a realidade é socialmente construída (BERGER e LUCKMANN, 2001).

A abordagem pela interação simbólica ainda se apresenta em processo de consolidação junto à comunidade científica. Muitos teóricos a consideram como um sinônimo de investigação qualitativa mas apenas alguns assumem a postura de interacionistas simbólicos. A proposição dessa abordagem é que a experiência humana é mediada pela interpretação, a qual é atribuído um significado que se tornará único devido a sua construção ter se dado pela experiência dos atores sociais investigados (VERGARA, 2005).

A técnica de pesquisa que acessa esses significados é a observação participante uma vez que eles são construídos através de processos interativos. Nesse processo de interpretação dos “significados comuns” aos sujeitos da pesquisa, o “objeto de investigação é o modo como estas definições se desenvolvem” (BOGDAN e BIKKLEN, 1994, p.56), o que faz da interação simbólica um paradigma conceitual.

O investigador que segue essa abordagem tem como construtos para a compreensão e a previsão de comportamento os instintos, os traços de personalidade, os motivos inconscientes, as necessidades, as obrigações inerentes aos papéis desempenhados no espaço social, as normas culturais, os mecanismos sociais de controle e os mecanismos físicos.

A terceira abordagem é a etnografia, que se refere à descrição da cultura ou de determinados aspectos dela. Mas, o que é cultura? Os autores trazem três definições distintas para a palavra cultura sob a ótica da antropologia e uma definição sob a ótica da sociologia. A primeira definição conforme Bogdan e Bikklen (1994), oriunda dos estudos de Spradley em 1980, refere-se àquilo que as pessoas fazem, sabem e os objetos que produzem ou utilizam para interpretar suas experiências ou induzir comportamentos; “é um conhecimento acumulado”.

A segunda definição segundo Bogdan e Bikklen (1994) tem origem nos estudos de Geertz em 1973, que “ênfatisa o componente semiótico, o estudo dos sinais da língua, defendendo que existe uma diferença entre conhecer os comportamentos e jargão de determinado grupo de pessoas e ser, de fato, capaz de os pôr em prática” (REA e PARKER, 2002, p.58). Esse conceito recupera a palavra significado como elemento de análise, porém interpretado através de símbolos como sendo um sistema co-construído de signos que confere preocupações centrais ao investigador nas representações que os indivíduos fazem de suas vidas.

A terceira definição, de acordo com os autores, apresenta a compreensão como objetivo central, segundo estudos de Rosalie Wax em 1971, considerando os fenômenos sociais como significados partilhados entre indivíduos do grupo de análise e que, o conjunto de coisas que dizem e fazem, são por eles compreendidos, mas não o é pelo investigador. Na perspectiva sociológica, cultura também é definida como significados partilhados, razão pela qual as pessoas conseguem agir conjuntamente.

A quarta abordagem é a etnometodologia, que se refere à matéria substantiva a ser investigada. É um “estudo do modo como os indivíduos constroem e compreendem as suas vidas cotidianas” e as fazem funcionar (BOGDAN e BIKKLEN, 1994, p.60).

O objetivo almejado pelo investigador é tentar compreender o modo como as pessoas percebem, explicam e descrevem a ordem no mundo que habitam. No que se refere à metodologia, trabalha-se com as microquestões, os conceitos específicos de conversas, de vocabulário e com detalhes relativos à ação e à compreensão dos sujeitos investigados. Para tanto usam as seguintes categorias de análise expressas em frases: “compreensão do senso comum”, “vida cotidiana”, “realizações práticas”, “bases rotineiras de ação social” e “relatos”.

Por fim, os estudos culturais referem-se a investigação qualitativa desenhada por quadros conceituais que incluem o neomarxismo, o materialismo feminista e o feminismo pós-estruturalista. Essa perspectiva considera que as relações sociais sofrem influência das relações de poder, que podem ser interpretadas pelos próprios atores. Assim, a base da interpretação estaria no comportamento humano e social impedindo que o processo de análise seja indutivo. O ponto positivo reside na possibilidade de apreender a interseção entre a estrutura social e a ação humana.

2.3 O processo de avaliação qualitativa

A análise qualitativa das informações envolve uma organização não-numérica dos dados a fim de se descobrir nas notas de campo, entrevistas, transcrições, respostas dos questionários, diários, estudos de caso, entre outros, os temas, as categorias, as formas e as qualidades do objeto de estudo em questão.

Os dados qualitativos no início da pesquisa se caracterizam como descritivo, fornecendo informações sobre as pessoas e os contextos onde estão inseridas. O pesquisador visita o local a ser estudado a fim de fazer às primeiras observações, algumas vezes agindo como observador participante. A conversa com os indivíduos, seja de forma estruturada com questionários ou não, é capaz de capturar informações sobre a experiência de vida e percepções pessoais e do grupo. Normalmente, também se analisa documentos e relatórios. As informações obtidas nas entrevistas, observações e documentos são então organizadas em temas, categorias e exemplos de casos que serão analisados na pesquisa. A avaliação qualitativa pode ser feita sozinha ou ser realizada em combinação com uma avaliação quantitativa (LABUSCHAGNE, 2003; KAPLAN, 1969).

A mensuração quantitativa é sucinta, facilmente agregável para análise, sistemática, padronizada e capaz de ser demonstrada em um espaço de tempo relativamente pequeno. Já as respostas qualitativas são mais longas, contém mais detalhes e a análise é mais difícil uma vez que as respostas não são sistematizadas e padronizadas.

Uma questão importante se refere às diferenças entre os propósitos e funções dos dados qualitativos e quantitativos no questionário, sendo importante utilizá-los como complementares. Dentro dessa visão, as informações provenientes de análises estatísticas de itens padronizados são importantes a fim de se realizar sumários, comparações e generalizações de forma fácil e precisa. De outro lado, os comentários narrativos provenientes das entrevistas são capazes de fornecer explicações, significados e novas idéias (BECKER, 1987).

2.4 A escolha do local da pesquisa e o grau de familiaridade do pesquisador

A escolha de um local adequado de pesquisa e a familiaridade do pesquisador com os membros do grupo são aspectos fundamentais da pesquisa qualitativa. Um estudo realizado por Ward-Schofield em 1993, citado por Richardson e Wainwright (1999) analisou as conseqüências que a escolha do local tem na validade e generalização dos resultados, sugere que ambas podem ser otimizadas escolhendo um local "típico" ou realizando uma pesquisa em mais de um local. Existem, porém, diversos problemas com qualquer das opções; primeiro, como podemos determinar o que é um local típico sem pelos menos conhecer superficialmente os "outros" locais? Segundo, considerando que a maioria dos estudos qualitativos é realizada por pesquisadores individuais ou pequenos grupos, é viável estudar diversos locais com a profundidade requerida pela pesquisa qualitativa? Terceiro, como fica a familiaridade de um pesquisador na escolha de um local "típico" que não conhece?

Autores, tais como, Laville e Dionne, 1999; Godoy, 1995; Bruyne e Hermann, 1982, consideram que não se devem relacionar os critérios de confiabilidade da pesquisa qualitativa com aqueles da pesquisa quantitativa, particularmente em referência à representatividade dos entrevistados de uma população mais abrangente. Indubitavelmente, se aceitamos a necessidade da representatividade do local de estudo, a pesquisa qualitativa sempre aparecerá como a relação pobre dos métodos quantitativos onde possa se aplicar amostragens aleatórias.

Pelo contrário, o investigador qualitativo está mais preocupado com a validade das informações coletadas, isto é, se os dados expressam autenticamente a visão do entrevistado, com interferência mínima do processo de pesquisa. Esse é o critério de validade (i. e, a capacidade de ter acesso às autênticas opiniões dos entrevistados) que orienta a escolha de um local, não, a meta pouco realista da representatividade.

Portanto, o processo de escolha deve ser acompanhado por uma reflexão que inclui considerações tais como: facilidade de comunicação com os entrevistados, adequação dos meios de registro das informações, e crucialmente, a existência de alguma característica do local que possa influenciar negativamente as opiniões de um entrevistado, por exemplo, a proximidade do empregador ou cônjuge. Na medida que o contexto da pesquisa qualitativa é muito variável, não é possível prescrever de antemão as características de um local ideal. Mais um motivo, para a reflexão constante do pesquisador.

Dentro desta perspectiva, Haguette (1987) discute uma questão importante sobre os pré-julgamentos. Na pesquisa qualitativa o pesquisador não está preso a estes pré-julgamentos podendo a qualquer momento, diante de novas informações, reformular o problema e as questões de pesquisa e conseqüentemente os temas e categorias estudadas.

2.5 Relacionamento do pesquisador com o objeto de estudo

Uma vez decidido o local da pesquisa, o pesquisador deve entrar em contato com os possíveis entrevistados. O caráter dessa relação varia, por exemplo, de um contato

relativamente breve de uma entrevista em profundidade, a uma observação participante que pode implicar em uma relação mais estreita entre entrevistado e entrevistador que pode durar alguns meses. O critério quantitativo de validade não pode ser utilizado neste aspecto da pesquisa qualitativa. No entanto, o pesquisador deve evitar influenciar os entrevistados de alguma maneira que possa distorcer seus comportamentos ou declarações, a necessidade de fazer um relatório com informações mais sensíveis ou delicadas, implicam que o grau de "objetividade" associado aos relatórios quantitativos não é viável nem desejável.

Para Haguette (1987), uma das vantagens da pesquisa qualitativa no que diz respeito ao relacionamento com os entrevistados é a liberdade de escolha que os pesquisadores possuem na seleção dos informantes-chave, podendo a qualquer momento se necessário, entrevistar outro indivíduo que se mostre importante e capaz de clarificar aspectos referentes à pesquisa.

A administração do relacionamento com os entrevistados é um aspecto importante da validade da pesquisa qualitativa, mas não pode ser prescrito como um procedimento específico, e sua adequação ou eficiência não será imediatamente clara para uma terceira pessoa. O esforço feito pelo pesquisador para estabelecer resultados válidos pode aparecer no relatório, mas a validade será um processo que, em último caso, dependerá da confiança (RICHARDSON e WAINWRIGHT, 1999; SILVERMAN, 1993).

2.6 Generalização

Uma questão importante que deve ser abordada é a possibilidade de generalizar para outras situações os resultados de uma pesquisa qualitativa. Nos trabalhos quantitativos, a generalização está determinada pela amostragem aleatória e a estatística inferencial, mas essas técnicas não são relevantes na pesquisa qualitativa. Em muitos aspectos, o modo de conceituar generalização nos estudos quantitativos é estranho à pesquisa qualitativa.

Ainda que na pesquisa qualitativa se evitem formular leis do comportamento humano, freqüentemente o pesquisador espera que os resultados de sua pesquisa permitam compreender o comportamento dos outros, mesmo que a capacidade explicativa esteja limitada no tempo e no espaço. Richardson e Wainwright (1999) sugerem que essa reivindicação exige reconceituação da generalização em termos apropriados para a pesquisa qualitativa. Os termos "ajuste", "comparabilidade", "tradutibilidade", podem ser utilizados afim de se retratar detalhadamente o processo de descrição do conteúdo e contexto da pesquisa, de tal maneira que possa ser generalizado a exemplos semelhantes.

Para Silverman (1993) o uso de uma descrição detalhada ajuda na generalização dos estudos qualitativos, porém essa generalização não depende apenas de uma descrição minuciosa do fenômeno, mas também da análise das relações sociais subjacentes.

A conceituação de um fenômeno em termos de suas condições de existência e as relações sociais que o caracterizam, é uma base mais sólida de generalização que a simples descrição de aparências imediatas. Por exemplo, o número de pessoas envolvidas em um movimento reivindicativo dos pacientes pode mudar, como também

os profissionais da saúde, a localização geográfica, suas metas e objetivos, mas se as condições de existência e as relações sociais que caracterizam o fenômeno permanecem invariáveis, pode-se concluir que o potencial emancipatório do movimento será extremamente limitado.

Do mesmo modo, um movimento reivindicatório pode manter a sua aparência externa, em termos de participantes, localização geográfica, etc., e se transformar em um fenômeno totalmente diferente (com um grau diferente de potencial emancipatório), se as relações sociais subjacentes mudarem. Em qualquer dos casos referidos, a definição do fenômeno em termos de relações sociais revela se a generalização é ou não válida.

2.7 Validade e Confiança

No método quantitativo busca-se o teste da teoria através do trabalho do pesquisador. Esse método é orientado para o resultado. Segundo Haguette (1987), o pesquisador já tem definidos todos os supostos antes da coleta de dados.

Na pesquisa qualitativa busca-se entender o significado do fenômeno as experiências de vida de cada um. Isso significa afirmar que o processo de observação é crucial afim de se entender não somente o comportamento individual mas também o contexto social onde ocorrem os eventos. A ênfase é dada no entendimento do entrevistado ou observado quanto ao mundo social em que vive.

O critério de confiança para pesquisa qualitativa relaciona-se a identificação e documentação recorrente e consistente (homogênea) ou inconsistente (heterogênea) dos padrões, temas, pontos de vista, categorias, ou qualquer fenômeno estudado em contextos similares ou diferentes. A validade e confiança dependem em muito da capacidade e conhecimento metodológico, sensibilidade e treinamento do pesquisador. Uma observação rigorosa e sistemática envolve mais que presença e somente observação. Uma entrevista produtiva envolve muito mais do que perguntas. A análise do conteúdo não diz respeito a uma leitura afim de se conhecer o que pode ser encontrado. A geração de conhecimento em pesquisa qualitativa requer disciplina, conhecimento, treinamento, prática e dedicação (DENZIN e LINCOLN, 1994)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como se pode observar, a investigação de caráter qualitativo envolve um campo subjetivo de análise e requer atenção do pesquisador aos elementos presentes na subjetividade humana. Assim, a investigação qualitativa é um questionar contínuo das ações dos sujeitos da pesquisa com o objetivo de perceber os objetivos buscados e as estratégias adotadas para estruturar os seus mundos numa perspectiva social.

Dessa forma, apesar do crescente uso de pesquisas quantitativas nas ciências sociais ser evidente, o uso de métodos de cunho nitidamente qualitativos continuam sendo utilizados devido às vantagens de interpretação mais ampla dos dados.

A alternativa é reconhecer que eles são complementares e não competitivos. A combinação de métodos qualitativos e quantitativos em uma mesma pesquisa passou a

ser utilizada de forma crescente nos estudos de *marketing*, acompanhamento e avaliação de programas e projetos, saúde, educação e administração (ALENCAR, 1999; REA e PARKER, 2002).

Na “abordagem estrutural do conflito”, o uso dos métodos qualitativos não é recente. Conforme Triviños (1987, p.117) as posições qualitativas baseiam-se especialmente em dois enfoques específicos de compreender e analisar a realidade. Um desses enfoques é o “compreensivista” (*Verstehen*) que discutimos, o outro é o “crítico-participativo com visão histórico-estrutural” e se fundamenta na dialética da realidade social que parte da necessidade de conhecer (através de percepções, reflexão e intuição) a realidade para transformá-la em processos contextuais e dinâmicos complexos. Nessa perspectiva, existe uma relação necessária entre mudança quantitativa e mudança qualitativa “e esta, como sabemos, resulta das mudanças quantitativas que sofrem os fenômenos. Mas a qualidade do objeto não é passiva. As coisas podem realizar a passagem do quantitativo ao qualitativo e vice-versa (TRIVIÑOS, 1987, p.118).

Como observa Triviños o referido problema dicotômico, comentado no espaço da pesquisa qualitativa, apoiado nos referenciais teóricos básicos, marxismo, fenomenologia e ainda no estrutural-funcionalismo (com muita reserva porque este, com sua raiz positivista, assinala a oposição entre quantidade e qualidade, porém levanta a pesquisa qualitativa em oposição à quantitativa), estritamente não existe. Toda pesquisa pode ser, ao mesmo tempo, quantitativa e qualitativa.

Na prática, ocorre que toda investigação baseada na estatística, que pretende obter resultados objetivos, fica exclusivamente no dado estatístico. Raramente o pesquisador aproveita essa informação para avançar numa interpretação mais ampla da mesma. Seu ideal é estabelecer que existe entre os fenômenos uma relação estatisticamente significativa ou não, verificar empiricamente suas hipóteses ou determinar que elas foram rejeitadas. Os investigadores pouco experientes, especialmente, que transformam a estatística num instrumento fundamental de sua busca, quando ela realmente deveria ser um instrumento auxiliar do pesquisador, desperdiçam um material importante. E terminam seu estudo onde, verdadeiramente, deveriam começar (TRIVIÑOS, 1987, p.118).

O método quantitativo é um dos meios apropriado, por exemplo, para se testar os efeitos de uma intervenção ou tratamento médico nos pacientes através das triagens controladas randomicamente. Porém, a exploração qualitativa a respeito comportamento do paciente, seu entendimento sobre o tratamento e suas crenças é necessária a fim de se entender porque o paciente não adere ao tratamento prescrito. Os dois métodos se mostram, não só neste exemplo, mas em outros, complementares na análise do comportamento humano.

Conclui-se, que é incorreto afirmar que a pesquisa qualitativa é menos precisa ou menos confiável, do que a qualitativa, na análise do comportamento humano. A riqueza e a contribuição de ambas está no tipo de conhecimento que cada método gera através da análise do comportamento humano, seja de modo quantitativo ou qualitativo. Uma questão mais importante seria considerar o comportamento do pesquisador com relação ao objeto de estudo. Não só na pesquisa qualitativa, mas na quantitativa é necessário disciplina, conhecimento, treinamento, prática e dedicação a fim de se gerar e transmitir no relatório as informações de forma clara, concisa, de acordo o que foi observado na realidade. Cabe salientar finalmente, que diferentes ontologias, epistemologias e modelos de natureza humana são cruciais na escolha da metodologia pelo pesquisador.

REFERÊNCIAS

- ALENCAR, E. **Introdução à metodologia de pesquisa social**. Lavras: UFLA, 1999. 131p.
- BECKER, H. **Métodos de pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: HUCITEC, 1987.
- BERGER, P. L. ; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento**. Petrópolis: Vozes, 2001.
- BODGAN, R. C.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto Editora, 1994. 335p.
- BRUYNE, P; HERMANN,J; SCHOUTHEETE,M. **Dinâmica da pesquisa em ciências sociais**, Francisco Alves, 1982.
- DENZIN, N.; LINCOLN, Y. S. **Handbook of qualitative research**. London: Sage, 1994.
- GODOY, A. S. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. *Revista de Administração de Empresas*, São Paulo, v. 35, n.3, p.20-29, mai./jun. 1995.
- HAGUETTE, T.M.F. **Metodologias qualitativas na sociologia**. Petrópolis: Vozes, 1987.
- KAPLAN, A. **A conduta na pesquisa: metodologia para as ciências do comportamento**. São Paulo: Heder, 1969.
- LABUSCHAGNE, A. Qualitative research - Airy fairy or fundamental? **The Qualitative Report**, vol. 8, n.1, 2003. Capturado em 17/06/2003 em <http://www.nova.edu/ssss/QR/QR8-1/.html>.
- LAVILLE, C.; DIONNE, J. **A pesquisa científica hoje**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.
- LIMA, J. B. de. Pesquisa qualitativa e qualidade na produção científica em administração de empresas. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO, 23, 1999, Foz do Iguaçu. **Anais...** Foz do Iguaçu: ANPAD, 1999. (CD-ROM)

REA, Louis M.; PARKER, Richard A. **Metodologia de pesquisa:** do planejamento à execução. Tradução por Rivaldo Montigelli. São Paulo: Pioneira Thomsom Learning, 2002.

RICHARDSON, R. J.; WAINWRIGHT, D. A pesquisa qualitativa crítica e válida. In: Richardson, R.J. (Org.) **Pesquisa Social**. São Paulo: Ed. Atlas, 3a Ed. 1999. Cap.6.

ROESCH, S. M. A. **Projetos de estágio e de pesquisa em administração:** guia para estágios, trabalhos de conclusão, dissertações e estudo de caso. 2. ed. São Paulo. Atlas. 1999.

SILVERMAN, D. **Interpreting qualitative data:** methods for analysing talk, text and interaction. London: Sage, 1993.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais:** a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

VERGARA, S. C. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração.** 6. ed. São Paulo: Atlas, 2005.